

A SORTE DO BRASIL

GUSTAVO CORÇÃO

Creio que não há nenhum exagero em dizer que a sorte do Brasil está pendendo do resultado das urnas em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Muita gente tem o costume de pensar que esta tal sorte do Brasil é coisa assegurada pelos quilômetros quadrados, pelo café, pelo petróleo, pelo crescimento demográfico, e por outras coisas da mesma espécie que se exprimem com algarismos. E' claro que ninguém conseguirá roer a área do país, e que é relativamente difícil destruir completamente as riquezas vegetais ou minerais. Quando porém me refiro à sorte do país, é nas pessoas que estou pensando, é dos valores humanos que estou falando, e das pessoas e dos valores desta e da próxima geração. Posso concordar com o otimista que tenha do Brasil uma concepção escatológica, mas confesso que minha preocupação principal diz respeito aos meus filhos e aos netos que ainda não tenho. Dentro dessa delimitação do conceito, torno a dizer que a sorte do Brasil está na dependência das urnas, e principalmente das urnas de São Paulo e do Rio Grande.

Dia a dia acompanho o progresso da campanha do professor Carvalho Pinto, tão bem conduzida pelo governador Jânio Quadros. Tem-se a impressão de que já souu a hora da derrota final do gordo sexagenário que, ao lado do moço Goulart, representa bem o que há de pior, ou de mais equivoocado, no nosso povo. Sem nenhuma paixão partidária, sem nenhum entusiasmo pelos líderes oposicionistas, sem nenhum apêgo às categorias da classe média, não consigo entretanto, compor em mim o quadro psíquico que dá um eleitor de Adhemar de Barros. Com alguma imaginação, encontro em mim ressonâncias com assassinos, saltadores de estrada, vigaristas, etc.; e sem necessidade de imaginação, mas apenas com exame de consciência, encontro em mim boa dose de miséria; mas não consigo encontrar esse mistério, esse enigma, que é uma espécie de entusiasmo cívico, ou de admiração pela figura do sr. Adhemar de Barros. A única explicação que encontro, e que não seja demais desairosa, é a do equívoco. Parece que há na atmosfera moral de nossos dias, um gás que produz esquisitas refrações e esquisitas aberrações. O conselho que dou aos paulistas ademaristas que por acaso me leiam, é o de esfregar os olhos. O momento é grave demais para caprichos semelhantes aos que dividem as opiniões em torno dos clubes de futebol. Seja cada um, segundo seu gosto, Flamengo ou Vasco (não sei bem os nomes dos clubes paulistas, desculpem-me); mas votar é um pouco diferente de torcer por um jogo. Quisera de Deus a inspiração de uma frase de tal modo composta que tivesse a virtude de produzir na cabeça paulista, ou na cabeça gaúcha, um estalo cívico. Não pretendo encontrar, para São Paulo, melhores argumentos, mais felizes slogans do que aqueles que o sr. Jânio Quadros já achou. Só posso dizer e repetir que o momento é muito mais grave do que parece à primeira vista. Há um começo, ou mais do que começo, de decomposição de nossos costumes políticos. Vejam o caso da troca de epístolas entre o senador Firmo e o Chefe de Polícia; vejam o caso da missa do Zica. Ora, as candidaturas de Adhemar e de Brizola estão exatamente na mesma linha meridiana que passa pelo Zica, e pelos chefes de polícia que se fizeram representar ou que compareceram à missa em ação de graças pelo restabelecimento do Zica. Será crível que milhares de pessoas brasileiras gostem desses fenômenos? Será crível, meu Deus, que milhares e milhares de Paulistas sejam capazes de trocar a figura digna do professor Carvalho Pinto pela figura do sr. Adhemar de Barros? Bem sei que estou monotonamente dizendo a mesma coisa, sem desenvolvimento de raciocínios, sem imagens felizes. A sorte do Brasil está nas mãos dos eleitores paulistas e gaúchos. Se perdermos nos dois Estados, se em ambos os governos se instalarem os homens dessa espécie que vai se tornando praga, não vejo como poderemos sair do buraco que dia a dia se torna maior.

E' um erro grave, cometido hoje por muitos, o de subestimar a política no contexto do progresso de um país. Já observei que os próprios oposicionistas, os mais conscientes dos descabros produ-

zidos pela falta de autoridade deste governo, continuam a crer no progresso do Brasil, continuam a levar a sério os documentos firmados com a Colômbia, os telegramas recebidos do sr. Salazar, os convênios, as conferências de cúpula, as operações pan-americanas, e continuam a pensar que as riquezas materiais se multiplicam com certo automatismo à revelia da qualidade do governo. Ora, a ordem política é a alma de uma nação. E' verdade que existem, nas sociedades, mecanismos de defesa que lhes asseguram a sobrevivência durante os períodos de maus governos. Mas essa resistência tem limite. Quando o mau governo passa determinado limite, como já tem acontecido em diversos lugares, a nação se quebra e o povo passa por sofrimentos indizíveis. Vejam o que Hitler fez da Alemanha. Erros políticos, essencialmente políticos, produziram a destruição de milhões, sim milhões, de residências, morte de milhões de soldados e mais outros milhões de mulheres, velhos e crianças.

Quando por aqui passou o professor Goergen, deputado da Alemanha ocidental, e ilustre membro do Partido Democrata Cristão, tive ocasião de discordar dele quando nos disse que a Alemanha de 1948 estava abaixo de qualquer país sub-desenvolvido do mundo. No meu ponto-de-vista, a Alemanha de 1948 tinha uma vantagem sobre a atual situação do Brasil. Nas suas cidades arrazadas, a Alemanha tinha a evidência física da necessidade de lutar para sobreviver. Nós não. Falta-nos essa terrível evidência física. Estamos no ponto em que estamos os alemães em 39 ou 40. Na euforia produzida pela área do país, e na convicção de que política é qualquer coisa lateral, que não influi muito na sorte do país. Muitos lamentam sinceramente que haja subornos, corrupções, abraços em contrabandistas, etc., mas não imaginam que isto se transfere em coisa mais grave. Essas sujeiras serão qualquer coisa, indesejável sem dúvida, como uma nódoa no casaco ou um rasgão na gravata. Ora, essas coisas são lesões no coração do povo, são doenças muito mais graves, muito mais conseqüentes do que um erro técnico na exploração de alguma riqueza mineral. Não há povo que possa resistir indefinidamente aos maus governos, a governos como o que temos e como o que se prolongará, se vencer em São Paulo o sr. Adhemar de Barros, e no Rio Grande do Sul o sr. Brizola. Um país é antes de tudo uma organização moral aplicada numa organização material. Ponham nas quatro paredes de uma casa bem construída e bem mobiliada uma família descuidada de seus deveres, e teremos esses fenômenos de juventude transviada que já começam a alarmar. Ponham o sr. Adhemar ou o sr. Brizola nos governos, e teremos transviados os dois dos mais operosos Estados da União. Será possível que isto aconteça? Será possível, por exemplo, que consciências bem formadas para outras coisas, para educar os filhos ou para pagar as contas, não tenha luzes para ver o que é essa quadrilha que num ponto do país se mancomuna com os comunistas e noutro ponto do país finge rejeitar os votos dos mesmos comunistas? A aliança do sr. João Goulart com o sr. Luiz Carlos Prestes tornou-se notória, e foi por ambos proclamada. O sr. Luiz Carlos Prestes acaba de se gabar de que no Rio Grande do Sul elegerá Brizola, embora contra a vontade dele. Faz essa ressalva para evitar que o arcebispo de Porto Alegre tome posição contra a candidatura comprometida por tal aliança. Mas a verdade é que ambos os líderes da estupidez de uma parte do povo, se gaba publicamente do acordo feito. E é por essas e outras, amigo leitor, amigo paulista e gaúcho, que torno a dizer que a sorte do Brasil está em vossas mãos. Tenho a acabrunhante impressão que Deus não me inspirou a frase capaz de abrir os corações, e só me resta agora pedir-lhe, fora deste artigo, em linguagem que não se verte em palavras escritas, que Ele mesmo inspire os eleitores no dia 3 de outubro. E se a sorte nos for adversa, eu ficarei pensando que será preciso uma soma brutal de sofrimentos coletivos para que se abram os olhos e os corações de milhares ou milhões de brasileiros.